

# Adélia Prado – Uns outros nomes de poesia

Queria uma cidade abandonada  
para achar coisas nas casas, objetos de ferro,  
um quadro interessantíssimo na parede,  
esquecidos na pressa.  
Mas, sem guerra aparente e com a vida tão cara,  
quem deixa para trás uma agulha sequer?  
Eu acho coisas é no meu sonho,  
no rico porão do sonho,  
coisas que não terei.  
Toda a vida resisti a Platão, a seus ombros largos,  
à sua república aleijada, donde exilou os poetas.  
Contudo, erros de tradução são ordinários,  
eu não sei grego,  
eu não comi com ele um saco de sal.  
Por isso o que ele disse e o que eu digo  
é carne dada às feras,  
menos o que sonhamos.  
Ninguém mente no sonho,  
onde tudo está nu e nós desarmados.  
O mito que ele escreveu – quem sabe a contragosto? –  
é tal qual o que digo:  
na garganta do morto tem um buraco tão grande  
como o Vale de Josafá onde seremos julgados.  
Não há no mundo poder que nos conteste  
quando o discurso é sobre luz e sombra,  
crina e focinho orvalhados.  
Contra isso as hostes se enfurecem  
e os legistas escondem por escusos motivos  
a fotografia do suposto suicida.  
Ah, mas o amor em que não creem  
continua impassível gerando sentenças justas,  
gerando bênçãos, amantes,

apesar do morto e seu pescoço arruinado.

**Adélia Prado, Poesia reunida**